

# O DISTRICITO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3,500 réis — Semestre, 1,750 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 119

SEXTA-FEIRA 22 DE AGOSTO DE 1862

SEGUNDO ANNO

## AVEIRO

A historia dos successos, que acabam de ter lugar junto á mina do Braçal, suggere-nos muito tristes considerações.

Se por um lado elles revelam nos povos circumvisinhos um estado de ignorancia selvagem, pelo outro arguem clamorosamente incuria, senão é insciencia, nas auctoridades administrativas, dos meios de precaução que importava empregar ha muito.

E' incrível que populações inteiras tenham o espirito por tal modo nevoento, e obtuso, que deem fé a que o fumo do carvão das minas tenha sido a causa do oídium tuckeri, da molestia das batatas, e da ferrugem das oliveiras.

Pois era este ha muito tempo o grito de guerra que alevantavam os povos, chamando cruzada contra a mina do Braçal.

Se esta crença nasceu espontanea no animo dos moradores d'aquellas serranias, não o podemos nós asseverar; mas ha entendidos que accusam os homens abastados, e com boas casas n'aquelles sitios, de a terem apostolado. Nem deixam de assignalar-lhe causa.

Parece que a mina do Braçal emprega diariamente alguns centos de operarios; e, como estes são todos moradores dos logarejos contiguos, foram outros tantos braços que se diminuiram á agricultura.

Em povoações pouco numerosas, como são as que rodeiam a mina, devia isso influir no preço dos salarios, e assim succedeu segundo nos consta. Considerando pois os grandes lavradores sómente o excesso de desembolso que daquella alta lhes resultava, sem attentar nas vantagens que lhes provinham do estabelecimento no maior consumo de seus productos, parece que de ha muito consideram a mina do Braçal como grande estorvo á sua agricultura, e aos seus interesses.

Mas é ocioso dizer que em todas as localidades, e maiormente nas povoações ruraes, as pessoas que mais representam, ou por sua intelligencia, ou por suas fortunas, são sempre as que regem, e dão molde ás opiniões da população.

Convindo assim, conforme se diz, aos ricos hostilizar a mina do Braçal, tiveram artes para fermentar e desenvolver a indisposição geral com o absurdo pretexto de que ella lhes este-relisava as arvores e as searas.

As reflexões mais promptas, e de intuitiva demonstração, para provar o mal cabido da animadversão contra a mina, porque as arvores e as plantas soffrem molestias eguaes, senão maiores, em terrenos do paiz aonde nunca chegara o fumo de minas, eram completamente desprezadas.

Ha muito que os gerentes da mina do Braçal pela imprensa, e directamente ás auctoridades, tem representado o perigo que corria o seu estabelecimento, porque ha muito tempo

apregoavam e juravam os povos, que haviam de sublevar-se, atacar a mina, incendial-a, e aniquilal-a.

Mas ou fosse porque as auctoridades administrativas tivessem em pouco os receios dos donos do Braçal, ou fosse falta da solicitude e prevenções que convem sempre empregar, quando ha suspeitas de factos tão criminosos, e tão subversivos da ordem publica, é certo que ou não se quiz, ou se não soube lançar mão dos meios efficazes para obstar ao seu apparecimento.

O contágio dos rancores contra a mina do Braçal tinha-se propagado a muitas povoações, e tão exaltados andavam já os espiritos, que todos sabiam que a explosão estava proxima; todavia as auctoridades administrativas se conservavam quasi indifferentes, ou descuidadas.

Desejariam ellas que os motins apparecessem, e o incendio do estabelecimento, para soarem mais ao longe os seus feitos de represão, e de perseguição aos delinquentes?

E' certo que no dia 15 do corrente tiveram nova os donos da mina do Braçal, de que grandes multidões armadas se dirigiam para alli, afim de atacar e incendiar o estabelecimento.

Em pouco tempo ellas se avistaram, e com furiosa algazarra lançaram o fogo á malhada, e a outros predios pertencentes, e alguns contiguos, á mina do Braçal.

Foram grandes os damnos; para reprimir os desatinados foi mister empregar a violencia, e ha para lamentar algumas mortes e muitos ferimentos.

Eis aqui aonde conduz a falta de prudencia, e do bom fino nas auctoridades.

Se o chefe do districto tivesse ido opportunamente ao concelho onde é situado o Braçal, e circumvisinhos, se elle conseguisse, como era facil, que as pessoas influentes d'aquelles sitios desviassem os povos de suas intenções malevolas, explicando, e demonstrando-lhes o erro que os dominava, ter-se-hia por ventura atalhado ao mal antes de haver chegado a tão grande altura.

Nem duvidamos de que o houvera feito, se soubese o ponto em que se achava a exaltação dos animos, nem queremos attribuir esta falta senão á conta de informações menos verdadeiras, e menos leaes, dos seus subordinados.

Não podemos comtudo occultar que este acontecimento, alem de nos desacreditar lá fóra como nação barbarizada ainda em algumas povoações, pôde inquietar-nos com reclamações dos proprietarios da mina, ou por si, ou com a interferencia das nações a que pertencem.

Quando os naturaes d'aquelles paizes, que tem commo tratados de mutua protecção, soffrem damnos que são o conseqüente de crimes que mal podem ser previstos, o governo portuguez nada tem que indemnizar, porque não ha ali

queixas de improvidencia, ou improtecção para successos, que se não presumem nem esperam.

Porém quando por muitos mezes consecutivos os donos de um estabelecimento estrangeiro, e tão importante como é a mina do Braçal, representam ás auctoridades competentes, e publicamente pela imprensa, as más tenções, e projectos hostis, que contra elles se tramam, quando asseveram que tem a certeza do perigo visinho, e tão grande que vae n'elle a conservação de suas vidas, e de suas fortunas; e quando apesar de tudo esse perigo se realisa, e chegaram a haver damnos tão graves, como acabam de soffrer os proprietarios do Braçal, é fóra de duvida que o governo portuguez ou por si, ou por seus empregados, não lhes deu toda a protecção que cumpria dar-lhes, conforme os tratados internacionaes. Nem pôde fugir-se a este conseqüente, senão provando que falleciam meios de evitar o triste conflicto que acaba de succeder.

E' por isso que a leveza nos funcionarios administrativos toma não raras vezes as proporções de um peccado tão grave, que não pôde ser absolvido.

E já que os factos desgraçadamente deram lugar ao arrependimento (se é que deram) de não se haverem dado a tempo todas as providencias, que este assumpto pedia, aproveite ao menos a severidade da lição, para se lhe dar todo o pezo que elle merece, e serem meditadas, e empregados convenientemente todos os preceitos necessarios para se evitarem novas desgraças.

Recebemos só hontem 21 a seguinte carta, em que se nos descrevem os desgraçados accidentes do Braçal. Um retardamento involuntario da parte da pessoa a quem veiu dirigida fez com que ella chegasse ao nosso escriptorio fora d'horas d'apparecer no nosso numero antecedente.

Por esta falta, só hoje começamos a fallar d'um acontecimento, que temos d'occupar-nos com a maior dettenção e cuja gravidade reclama da nossa parte, principalmente, grande attenção, e cuidado.

Ao nosso poder haviam vindo já uma serie de correspondencias e informações, que não publicamos mais cedo, e não publicamos ainda, por falta de confiança na sua authenticidade. Entre ellas algumas que revelam da parte dos seus signatarios uma grande exaltação de cerebro, pouco distante da demencia.

O nosso correspondente, que é pessoa de toda a confiança, promette continuar a informar-nos do que alli se passar. Nós o que promettemos é não largar de mão este assumpto.

Eis a carta:

Sr. redactor

Pelo presente tenho a honra de communicar a v. algumas circumstancias com relação ao attentado que no dia 15 foi praticado pelos povos da Serra, na mina do Braçal.

A revolução de 1830 varreu estes aprestos; jesuitas e congregações desapareceram... mas para reaparecerem sob o governo do ramo mais novo. Como a auctoridade n'esta epoca lhes fosse pouco favoravel, tiveram que occultar-se sob apparencias mais leaes ou mais hypocritas.

As associações de caridade, as comunidades religiosas, taes foram seus meios d'ação, que pacientemente empregados durante trinta annos, lograram collocar de novo os jesuitas na sua posição de Estado no Estado. E' pois esta organização que eu vou examinar, depois de haver explicado em breves palavras donde provem o augmento de poder do espirito jesuitico, poder de que devem arrecear-se os homens honestos.

### III

Ninguem ignora a parte que o partido retrogrado tomou nos successos de 1848, 49 e 50; reconhecer-se á que elle procurou, por todos os meios, lançar germes de divisão em um terreno, que era mui favoravel á semente jesuitica. A liberdade, mesmo quando não é mais que uma palavra, assusta os jesuitas; por isso elles saudaram pressurosos o principio d'auctoridade na pessoa de Napoleão III.

Não é nosso intento apreciar aqui a politica do governo imperial; não nos incumbe julgar até que ponto a anarchia, como se dizia então, havia arruinado a França: releva que tractemos tão sómente do facto da restauração, por todos os meios, da ordem material. N'esta difficil tarefa,

Já ha dias se esperava que as minas fossem atacadas, e tudo levava a crer que isso tivesse lugar no dia 15, festa de Nossa Senhora da Serra.

Tinha o governo tomado todas as providencias para evitar qualquer tumulto, porem infelizmente, ou por acaso, ou de proposito, tinha o administrador substituto de Cambra mandado retirar para Vizeu 50 bayonetas, que se achavam naquelle lugar.

Ora os cabos de policia, se mesmo fossem leaes, não eram sufficientes para conter os milhares de pessoas que se achavam em Nossa Senhora da Saude.

Instigados por diferentes pessoas, cujas intenções malevolas são bem conhecidas, cercaram todo o lugar, e obrigaram até a musica d'Oliveira de Azemeis a marchar para as minas.

Quasi todas as freguezias do concelho de Sever estavam representadas no povo, que deitou fogo ás mattas municipaes, e pinhaes das minas.

Isto era o primeiro acto do vandalismo; mas logo praticaram um outro ainda peor, desceram para a mina da Malhada, pertencente ao Braçal, quebraram as maquinas hydraulicas, incendiaram as casas de lavagem dos metaes, como tambem as casas de moradio; roubam tudo que de valor havia, incluindo um caixão contendo 400,000 rs.; espalharam os metaes, e depois evacuarum para a mina do Braçal; no entanto uma outra porção de gente, levando consigo a musica d'Oliveira d'Azemeis, e dirigidos por um homem vestido de preto e de chapéu alto, que se diz ser um padre de Rocas; como tambem pelo famoso ex-cabo pedreiro de Nespereiro, marcharam para o Valle de Braçal, cercando uma casa que ali se acha, cortando as arvores plantadas na estrada. Alguns subiram ao alto do caminho d'onde se domina de todos os lados a mina do Braçal.

Os 22 soldados achavam-se n'um terrasso, e d'ahi o alferes rogou aos amotinadores, se retirassem; porem em resposta deram-lhe uma descarga, dos diferentes montes e caminho da matta aonde elles se achavam, e então foi que rompeu o fogo.

Era um aspecto medroso, os altos cobertos por povos que esperavam a primeira occasião para incendiar e roubar a atmosfera preta do fumo dos pinhaes e casas que estavam ardendo, ouviam-se tiros de todos os lados, á excepção do lado de Senhorinha.

Os amotinadores insultando os soldados e mais pessoas que estavam na mina, dirigiam o seu fogo sobre todos que se mostraram descobertos. Porem em pouco o fogo da tropa, armada de espingardas a minié, que atiravam a 700 metros, fizeram que elles se retirassem do alcance das suas armas. N'um ponto, porem, cobertos de pinhaes, elles continuaram a fazer fogo e foi então que o alferes mandou-os des-

quem ajudou o governo, senão o clero? Não o recordou com acrimonia, em seus breves — arrastados, M. Dupanloup?

Importa fazer aqui uma distincção. O clero pôde dividir-se em duas classes: a uma pertencem os ultramontanos, os quaes esquivando-se de que são os assalariados da França e do governo, não vêem outro chefe senão Roma, não desejam se não que se restabeleça em o nosso paiz o throno de direito divino da casa de Bourbon, não por amor á familia real, mas porque esperam, á sombra dos lises e da bandeira branca, trabalhar mais facilmente na construção do poder espiritual e temporal do clero. Na outra classe encontram-se os gallicanos, isto é, os padres, que só sabem uma cousa, e vem a ser que estão n'este mundo para recordar aos homens a fraternidade e a carida; que querem uma igreja nacional, reconhecem a separação do poder temporal e do poder espiritual, são realmente padres; em quanto que os ultramontanos não são mais que jesuitas de habito curto e de habito comprido. Estes ultimos consagraram-se com ardor a esta nova cruzada para o restabelecimento da Ordem: desinvolveram-se associações seculares e comunidades religiosas. O partido chegou até a ter um jornal, o *Universo*, cujas investidas escandalosas foram toleradas, em quanto a questão não versou ácerca do governo. Foi uma reacção exaggerada, como todas as reacções, mas cuja inteira responsabilidade não cabe ao governo imperial. (Continúa)

## FOLHETIM

### OS JESUITAS

EM 1861

Comunidades religiosas  
Associações clericas

POR CARLOS HABENECK.

(Continuação do n.º 118)

### II

Resta-nos sobre esta epoca um livro singular, que pode esclarecer-nos egualmente sobre os tempos presentes, é a *Memoria a consultar sobre um systema religioso e politico tendente a destruir a religião, a sociedade e o throno*, pelo conde de Montlosier. Esta obra teve mais de oito edições no mesmo anno da sua publicação. Abramola:

«O jesuitismo tira das congregações uma grande força; tira-a tambem do ensino. Por meio das congregações cobre-se um paiz inteiro de influencias secretas, donde se deriva, quando é necessario, um fermento interior; por meio do ensino, juncta-se um movimento patente a um movimento secreto; por meio das creanças, possue-se a familia. Por meio das congregações, formam-se novos habitos, novos costumes e, em certo modo, um povo novo no meio do antigo povo; por meio do ensino, ganham-se os espiritos ao mesmo tempo que os habitos; juncta se um imperio

de doutrinas a um outro imperio. Reune-se assim com o povo miudo, debaixo do mesmo sceptro, um outro povo mais importante. Os reis, os grandes, as academias, os sabios, os bispos, o clero, os proprios soberanos-pontifices, vem successivamente, com vontade ou sem ella, collocar-se debaixo do jugo.

«... N'este Estado, a congregação, que enche a capital, domina sobretudo as provincias (1); forma ali sociedades particulares sob a influencia dos bispos e de alguns vigarios geraes confrades. Estas sociedades, *espantallo dos magistrados, dos commandantes* (2), dos prefeitos e sub prefeitos, dão leis d'ahi ao governo e ao ministerio... «Seu objecto não é menos difficil de determinar do que sua natureza: serão simples reuniões piedosas, quando for mister: teréis ali anjos; será tambem quando se quizer, um senado, uma assembléa deliberativa: teréis anjos; emfim será, quando as circumstancias o exigirem, um bom foco d'intrigas, d'espionagem e delações: teréis demonios.»

A congregação foi o exercito do jesuitismo; não que todos os confrades tivessem conhecimento do plano de campanha, que todos tivessem a fé e a intenção de trabalhar em favor dos jesuitas; muito pelo contrario. O exercicio religioso para uns, o interesse para outros (não descia a congregação a encarregar-se da collocação dos criados?), ministravam aos jesuitas instrumentos tanto mais convenientes, quanto menos intelligentes eram.





